

Internacional



Crise migratória
Na Alemanha,
refugiados sírios lutam
por integração. Pág. A20

EUA SOB ATAQUE: 15 ANOS. Efeitos perversos

Ataques deterioraram situação da imigração. Pág A16 }

Além dos quase 3 mil mortos dos ataques às Torres Gêmeas, ao Pentágono e ao avião que caiu na Pensilvânia, o número de vítimas do maior atentado terrorista perpetrado na história seguiu crescendo nos anos seguintes, principalmente entre os bombeiros de NY

Filhos e netos dos heróis da tragédia carregam as marcas do 11 de Setembro

**Thiago Mattos
Danielle Villela**
ESPECIAL PARA O ESTADO
NOVA YORK

Alheios ao silêncio típico de um funeral, os irmãos Chris, Diane e o pequeno Mark – os nomes verdadeiros foram preservados – acompanhavam com um misto de respeito e indiferença a cerimônia que homenageou o avô, Richard Nogan, e outros 16 bombeiros que morreram nos últimos anos em decorrência das chamadas “doenças do 11 de Setembro”.

Há 15 anos, o primogênito Chris estava na barriga de sua mãe, quando seu avô Richie e seu pai Harlan Wank corriam para ajudar no resgate das vítimas do atentado às Torres Gêmeas. Os dois foram alguns dos primeiros bombeiros a participar das operações de resgate no World Trade Center. “As crianças não lembram do que aconteceu, mas sabem o que foi, pois é algo muito presente nas nossas vidas”, diz a dona de casa Jennifer Wank, de 43 anos, mãe de Chris e mulher de Wank. Para ela, os meses após o atentado foram cobertos pela tensão de ter o pai e o marido entre os que trabalhavam nas buscas.

“Eu vivia sempre na expectativa de receber uma ligação avisando que um dos dois não voltaria”, lembra Jennifer, ao participar da cerimônia na sede do Departamento de Bombeiros de Nova York (NYFD), no Brooklyn. A homenagem reuniu dezenas de familiares e amigos de bombeiros vítimas dos esforços de resgate e, desde 2011, é repetida todos os anos.

Além dos 343 oficiais da corporação que morreram no dia dos ataques, outros 127 membros do NYFD perderam a vida ao longo dos últimos anos por doenças relacionadas ao trabalho nos escombros, como diversos tipos de câncer, problemas respiratórios e, principalmente, danos psicológicos irreversíveis. Foi a exposição diária ao ambiente de terror que acabou com a saúde de Richie, vítima de câncer aos 64 anos, em dezembro de 2015.

“Há famílias que perderam pais e filhos ao mesmo tempo. É sempre um soco no estômago e dói cada vez que pensamos no que ocorreu”, afirma Wank, so-



Ícone. Bandeira hasteada sobre escombros das Torres Gêmeas está exposta pela primeira vez ao público; imagem tornou-se um dos símbolos dos ataques



Memória. Bombeiros transportam pedaço do WTC original

● **Tragédia em Nova York**
343
bombeiros não sobreviveram às operações de resgate, enquanto 127 oficiais morreram, ao longo dos anos, de doenças relacionadas ao trabalho nos escombros

brevivente de 53 anos, já aposentado do trabalho no Corpo de Bombeiros. Wank e Richie se tornaram grandes amigos ao servirem no mesmo batalhão, o que levou o veterano a apresentar a filha Jennifer ao futuro genro. Os dois haviam se casado um mês antes dos ataques do 11 de Setembro.

Embora algumas vítimas tenham convivido por anos com doenças que se desenvolveram em decorrência daqueles dias de terror, alguns socorristas morreram poucas semanas após o início do resgate. Foi o que ocorreu com o chefe de batalhão James Costello, que morreu um mês depois do início das escavações no Marco Zero.

“Meu irmão trabalhou como bombeiro por 28 anos e foi diagnosticado com câncer pancreático, que acabou se espalhando pelo fígado, pulmões e cérebro. Tudo em razão de sua exposição por um mês naquele resgate”, lembra Kathy Costello, irmã do oficial, também homenageado.

Em agosto, um estudo da Universidade Stony Brook mostrou que um em cada cinco socorristas ainda vivos sofrem de transtorno de estresse pós-traumático (PTSD, em inglês).

“Muitos dos que trabalharam no resgate viram pessoas se jogarem do prédio, encontraram pedaços de corpo e ouviam gritos o tempo todo”, afirma o professor de saúde pública Sean Clauston, que conduziu o estudo. “Quando vemos problemas de saúde surgindo anos depois, alguns têm relação com os resíduos de corpos, vidros e plástico que estavam no ar, mas muitos foram causados pela situa-

ção de estresse em si.”

A operação de resgate no Marco Zero durou ininterruptamente até o fim de maio de 2002. “Tecnicamente, ainda continua acontecendo”, diz Wank, que fisicamente não apresenta nenhum sinal de trauma. “Com tudo o que ocorreu, eu diria que estou bem.”

No fim da homenagem aos bombeiros, Jennifer revela um sentimento agrídoce. “Esse tipo de cerimônia traz um senso de comunidade que ajuda, mas ao mesmo tempo traz todo o luto vivido no funeral”, afirma.

Após o atentado, associações de apoio a familiares e sobreviventes floresceram por diversas partes dos EUA, além de Nova York. Com a perda do irmão Glenn, advogado que trabalhou como voluntário no FDNY por 14 anos, Jay Winuk, fundou o 9/11org.org, cuja ideia era transformar a efeméride em uma data de caridade e serviço voluntário.

“Uma das bênçãos dessa tragédia foi encontrar outras famílias que passaram pela mesma dor e descobrir um monte de iniciativas que honram a memória de pessoas queridas”, afirma Jay. “Agora, precisamos focar no futuro, com uma abordagem positiva. Esta é uma importante lição a ser aprendida pelas futuras gerações.”

‘Os americanos não cederão ao medo’, afirma Obama

● O presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, fez ontem um discurso de homenagem às vítimas e heróis do 11 de Setembro em sua mensagem semanal de rádio e internet. O líder afirmou que os ataques terroristas não mudaram “os valores fundamentais que nos definem como americanos”, apesar de ter mencionado, também, as “muitas coisas” que mudaram desde os atentados da Al-Qaeda. “Continuamos sendo os Estados Unidos dos heróis que correram em direção ao perigo, das pessoas comuns que neutralizaram sequestradores, das famílias que transformaram sua dor em esperança”. Obama prometeu que o país continuará sendo “implacável contra o terrorismo” de grupos como Al-Qaeda e Estado Islâmico. Hoje, o presidente fará um minuto de silêncio na Casa Branca às 8h46, horário em que o primeiro avião atingiu as torres do World Trade Center 15 anos atrás. Em seguida, fará um discurso no Pentágono e participará de cerimônia ecumênica. / AP

Americanos temem ação ainda mais violenta, diz pesquisa

Sondagem indica que medo maior vem dos republicanos; receio de a tragédia ser ainda pior nunca foi tão alto

Vinicius Neder*
WASHINGTON

A dois meses das eleições presidenciais, os americanos nunca tiveram tanto medo de um ataque terrorista do porte da destruição das Torres Gêmeas, em Nova York. Segundo pesquisa divulgada na quarta-feira pelo Pew Research Center, 40% dos entrevistados acham que a capacidade de terroristas realizarem um grande atentado hoje é maior do que em 11 de setembro de 2001. O receio dos america-

nos está no maior nível em 14 anos, já que o instituto faz essa pesquisa sistematicamente.

Os dados mostram também que essa percepção nunca esteve tão partidarizada, pois o aumento recente do temor de atentados vem de eleitores do Partido Republicano.

“O terrorismo tornou-se um assunto tão partidarizado neste momento que as pessoas parecem fechadas em suas decisões. Os democratas estão preocupados com o terrorismo, claro, mas não no grau dos republicanos”, afirmou o diretor de pesquisas políticas do Pew Research Center, Carol Doherty.

De acordo com a pesquisa, 58% dos republicanos acreditam que a capacidade de terroristas lançarem um ataque nos moldes do 11 de Setembro é

● **Impacto eleitoral**
“O terrorismo tornou-se um assunto tão partidarizado neste momento que as pessoas parecem fechadas em suas decisões. Os democratas estão preocupados com o terrorismo, claro, mas não no grau dos republicanos”
Carol Doherty
DIRETOR DE PESQUISAS POLÍTICAS DO PEW RESEARCH CENTER

maior hoje do que em 2001, 18 pontos percentuais acima do nível registrado na edição de novembro de 2013 do mesmo estudo.

Doherty frisou que os pesquisadores do Pew Research Cen-

ter fazem menção específica aos atentados de Nova York, ou seja, os entrevistados respondem pensando nos ataques de 15 anos atrás, que deixaram cerca de 3 mil mortos.

O diretor do instituto chamou a atenção para o fato de que 58% dos republicanos acreditam que a possibilidade de um novo ataque não é a mesma, mas sim maior do que em 2001. “Não vemos isso entre independentes e democratas”, disse Doherty. Para o diretor do Pew Research Center, dois fatores fazem o eleitor republicano ter mais receio de ataques terroristas. O primeiro é o crescimento do Estado Islâmico e o fato de já ter havido ataques terroristas nos EUA.

O segundo é como Trump trata a questão. “Esta é uma de

suas bandeiras. Ele sugeriu o banimento da imigração de muçulmanos. E isso repercutiu na base republicana de uma forma que não vimos nas eleições passadas”, afirmou Doherty.

Ainda assim, a partidarização tende a tornar a temática do terrorismo menos decisiva, pois o que os candidatos propõem ou dizem a respeito do assunto não deverá levar eleitores indecisos para um lado ou para o outro. “Embora as pessoas levantem o terrorismo como um assunto muito importante, ele pode não ser decisivo para muitos eleitores simplesmente porque confirma, em vez de mudar suas opiniões”, afirmou Doherty.

* O REPÓRTER É BOLSISTA DO WORLD PRESS INSTITUTE

Imóvel. Uma forma segura, inteligente e rentável para proteger o seu patrimônio.

Imóvel é no Estadão.

Campanha Imóvel é no Estadão, criada pela Archote, conquista Prêmio Master Imobiliário 2016.

ARCHOTE
DESDE 1945